

“Só se deve decorar a poesia nacional”

Adriana Caldas

– E os políticos? Afinal, educação faz parte de quase todas as plataformas eleitorais.

– Os políticos brasileiros também levam parte da culpa pela situação crítica da educação brasileira, porque caracteristicamente não têm cumprido as promessas referentes à educação feitas nas campanhas eleitorais, e não têm feito esforços para exigir a modernização mais rápida da educação por parte de ministérios e secretarias. Pior, o Congresso Nacional em 1998 aprovou a nova lei de propriedade intelectual, que é totalmente omissa no tocante ao “uso honrado” (isto é, para fins educacionais, não-comerciais) de material protegido, e promete de 4 a 12 meses de prisão para o infrator (em vez de uma multa). Estou aguardando manchete de jornal anunciando a prisão exemplar da primeira professorinha de creche que usou, sem permissão, uma imagem da Disney ou da MTV na sua escolinha. Será que todos os membros do Congresso estavam dormindo quando esta lei foi aprovada?

– Na sua análise, ao que parece, não há isenção de culpa para nenhum grupo. E a família, onde fica nisso tudo?

– Os pais do alunado brasileiro compartilham a culpa por vários motivos. Primeiro, porque não exigem, através de seu voto, uma educação melhor para os filhos. Tomam uma atitude fatalista em vez de se organizarem em grupos de ação comunitária. Por exemplo, aceitam sem questionar a política nacional de limitar a jornada diária na escola a apenas quatro horas, quando a complexidade do mundo moderno faz com que todas as escolas de países do Primeiro Mundo tenham pelo menos sete horas diárias de atividades de aprendizagem. Segundo, porque mantêm um conjunto de valores ultrapassados sobre carreiras e pedagogia. Tipicamente, os pais brasileiros nutrem a ambição de um canudo de curso superior para seus filhos, mesmo em face da informação de que as faculdades do país desde 1968 não fornecem uma educação redonda, transdisciplinar, aos seus alunos, nem que pareça ser apropriada para a sobrevivência profissional no próximo século. Talvez mais sério ainda seja o conservadorismo dos pais em não escolher escolas com abordagens pedagógicas mais experimentais, com medo de que seus filhos corram o risco de não passar no vestibular. Esta pressão conservadora dos pais tira das cabeças dos educadores qualquer esperança de inovar ou experimentar.

– E do ponto de vista pedagógico, quais os maiores problemas?

– Pedagogicamente, todo o ensino no país continua com o mesmo “estilo” de 100 ou 200 anos atrás: o professor permanece na frente da sala de aula transmitindo conhecimento (aquilo que aprendeu na faculdade anos antes, talvez com alguma atualização) aos alunos, que passivamente copiam, memorizam dados e conceitos e regurgitam tudo na inevitável prova, assim satisfazendo professor, pais e “sistema”. Num mundo cada vez mais complexo, dinâmico e pluralista, este modelo está totalmente inadequado. Pesquisas em ciências cognitivas revelam que alunos aprendem melhor quando eles

mesmos descobrem o conhecimento através de gincanas, caças ao tesouro, colocações de problemas por parte do professor. Interessantes dados novos do Canadá demonstram que a aprendizagem é mais profunda e completa quando o aluno participa de um curso a distância via Internet, porque suas discussões detalhadas sobre tópicos do programa com os demais alunos são mais enriquecedoras intelectualmente do que lendo o material textual oferecido online pelo professor; na sala de aula presencial não há este intercâmbio de idéias entre os alunos porque o professor está na frente, seu ego viajando enquanto pontifica, e os alunos não têm oportunidade para trocas de idéias. Provas demonstram apenas a capacidade do aluno de memorizar informação. Dossiês acumulando os trabalhos de aluno através do tempo são melhores indicadores de conhecimento, progresso e sofisticação no manuseio de idéias.

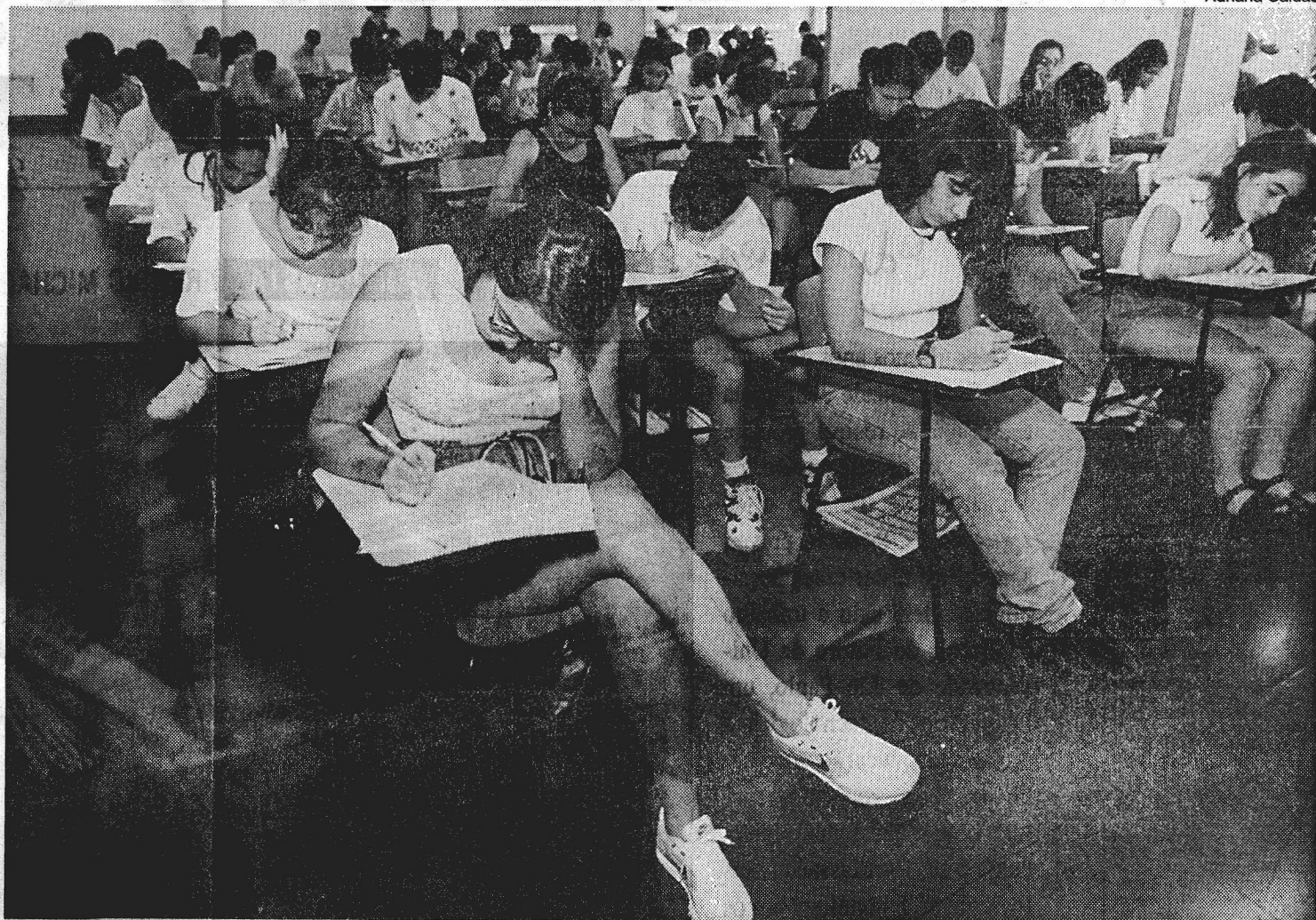
– Mas eles terão que fazer vestibular... ou não?

– O vestibular universitário é uma aberração pedagógica (memorização de dados imediatamente esquecidos após a matrícula) e tem custo financeiro de homens-hora incalculável para o país. Muito melhor seria uma prova que dê informação e solicite que o aluno faça algo com ela – reorganizar, comentar – para que seja possível averiguar como pensa e se expressa. A impossibilidade (devido a mentes pedagógicas/administrativas estagnadas) de juntar alunos de segundo grau, de graduação e de pós-graduação no mesmo curso semestral para estudarem juntos qualquer fenômeno é um outro exemplo da nossa pobreza educacional.

– Como o senhor vê o papel da educação neste final de século?

– Em vez de falar de educação, vamos falar de aprendizagem; isto porque, numa sociedade de informação ou de conhecimento, todos, jovens e adultos, estão necessariamente envolvidos constantemente nos atos de adquirir, processar e transmitir conhecimento – que, juntos, formam a ação que chamamos de aprendizagem. Hoje, pessoas aprendem, organizações aprendem, países aprendem. Tenho até um bom livro de Stewart Brand, *How buildings learn* (Como os edifícios aprendem), sobre a inteligência contida no ato contínuo de reformar edificações através do tempo. Acho que cada vez mais existe menos diferença entre as atividades realizadas em salas de aula de ensino fundamental e médio (onde há computadores e acesso à Internet) e as atividades realizadas por adultos em organizações: identificar problemas, achar informação apropriada, filtrar a informação, tirar conclusões e transmitir as decisões ou agir baseado nelas. O resto é subordinado a esta missão/ação que é a aprendizagem. E quem fez melhor, avança. A única coisa que deve ser memorizada na escola é a poesia nacional, que é cumulativa, estabelece para sempre a identidade cultural do futuro cidadão, e é útil em todos os momentos da vida pessoal e profissional. Todo o resto daquilo que aprendemos na escola está sujeito a atualizações, e não merece ser memorizado.

Leia a íntegra da entrevista no JB Online www.jb.com.br



Para o professor Litto, o vestibular é uma aberração pedagógica, que obriga os estudantes a maratonas de memorização

Nilton Claudino – 11/1/98



“Os pais aceitam sem questionar a limitação da jornada diária na escola a apenas 4 horas, quando a complexidade do mundo moderno faz com que as escolas dos países desenvolvidos tenham pelo menos 7 horas diárias”

“Melhor que o vestibular é uma prova que dê informação e solicite que o aluno faça algo com ela – reorganizar, comentar – para que seja possível averiguar como ele pensa e se expressa”